

A ética do cuidado na promoção da saúde mental dos escolares

 **Elizabeth Chagas Gomes¹**

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

 **Raimundo Augusto Martins Torres²**

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

 **Leonardo Saboia Paz³**

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Resumo

Trata-se de um estudo reflexivo sobre a ética do cuidado na promoção da saúde mental dos escolares. Para tanto se utilizou o conceito de ética do cuidado remetendo-o ao espaço da escola para discutir as contribuições deste na construção de um ambiente respeitoso e responsável com o bem-estar emocional das juventudes. A pandemia de COVID- 19 desencadeou, em larga escala, casos de sofrimento psíquico em criança e jovens em idade escolar. A escola enquanto espaço estratégico de socialização desse grupo etário cumpre um papel fundamental na promoção da saúde dos escolares. Para embasar a discussão utilizou-se os escritos de Gilligan (1982), Estanislau e Bressan (2014) e Noddings (2003) dentre outros autores.

Palavras chaves: Saúde mental. Ética do cuidado. Escolares.

The ethics of care in promoting the mental health of students

Abstract

This is a reflective study on the ethics of care in promoting students' mental health. To this end, the concept of ethics of care was used, referring it to the school space to discuss its contributions to the construction of an environment that is respectful and responsible for the emotional well-being of young students. The COVID-19 pandemic has triggered, on a large scale, cases of psychological distress in children and young people of school age. The school, as a strategic space for socialization of this age group, plays a fundamental role in promoting the health of schoolchildren. To support the discussion, the writings of Gilligan (1982), Estanislau (2014) and Noddings (2003) among other authors were used.

Keywords: Mental health. Ethic of care. Schoolchildren.

1 Introdução

Historicamente, a escola preocupa-se predominantemente com a mensuração de habilidades cognitivas como: inteligência, memória e atenção em decorrência de um modelo de escola conteudista com foco na transmissão de conhecimentos. Ao privilegiar esses aspectos como os responsáveis pelo sucesso ou fracasso do aluno, desconsidera-se as questões sociais e emocionais envolvidos no processo de escolarização. Contudo, além de ser responsável pela educação formal, a instituição escolar possui responsabilidade na promoção do bem-estar social, físico e emocional dos escolares. Ou seja, a escola deve considerar tanto os fatores internos quanto fatores externos na hora de cumprir sua função social (ESTANISLAU; BRESSAN, 2014).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ministério da Educação – MEC, a escola deve ser orientada para uma educação, que privilegie a troca do conhecimento, o acolhimento, o aconchego, garantindo a aprendizagem, o desenvolvimento e o bem-estar dos alunos (MEC, 2013). Seguindo esta orientação a Base Nacional Comum Curricular (MEC, 2018), enfatiza a importância da educação integral, bem como do desenvolvimento socioemocional dos alunos durante a educação básica. Desta forma pode-se afirmar que, a educação para saúde na escola tem por finalidade inculcar nos escolares atitudes, conhecimentos e hábitos positivos que favoreçam o seu bem-estar e a prevenção de doenças (GOMES, 2009).

Nesse sentido, as relações vividas no contexto escolar ganham destaque e precisam ser ressignificadas para enfrentar os novos desafios como bullying, suicídio, automutilação, ansiedade, transtornos diversos dentre outros. Tornando, assim, a escola um dos principais espaços de promoção da saúde dos escolares. Todavia essa não é uma recomendação recente, a UNESCO e a Oficina internacional de Educação e da Saúde, já afirmavam que a saúde deveria ser aprendida na escola da mesma forma que todas as outras ciências sociais (SANMARTI, 1988).

A saúde mental tem sido motivo de grande preocupação da sociedade contemporânea, especialmente depois do isolamento social, durante 2020 e 2021, causado pela pandemia de COVID-19. A crise sanitária causada pelo coronavírus acelerou um processo que já estava em curso, a epidemia de transtornos e sofrimentos emocional. Mesmo com o advento da internet, e a possibilidade de conectar milhões, foi inevitável o resfriamento nas relações interpessoais. Vale ressaltar que, este fenômeno não é fruto de um único evento, mas de todo um novo contexto social, que tem impactado a vida da sociedade contemporânea. A própria Organização Mundial da Saúde – OMS, já havia apresentado uma estimativa de que 20% a 25% dos brasileiros tiveram, têm ou terão depressão nos próximos anos. (WHO, 2020). Tudo isso tem lançado novos olhares sobre a importância do cuidado com a saúde mental, o que tem possibilitado pensar - se em outras estratégias com enfoque no seu fortalecimento de fatores de proteção e na redução de fatores riscos, especialmente, junto aos escolares. Contudo, esta questão não se limita apenas na transmissão de informações, ela vai além pois o sofrimento psíquico dos jovens é produto de uma série de conflitos sociais que ocorrem dentro da escola. Daí surge a Problemática desta pesquisa: Que ética está sendo utilizada para construir espaços de cuidado e acolhimento das juventudes dentro das escolas?

A escola nos últimos anos têm se tornado o principal espaço de acolhimento da

diversidade. Faz-se necessário compreender que ao democratizar a educação e torná-la acessível aos diversos públicos, sua presença afirmativa impõe novos desafios. Ou seja, a relação abstrata e genérica de outrora dá espaço ao embate entre os diferentes, reagindo às desigualdades e se afirmando como sujeitos pensantes. Esta presença inusitada da diversidade acontece não apenas nas escolas, mas para que a mesma não se torne um espaço de confrontação com a presença desses novos atores, e um aumento no sofrimento psíquico desta população ratificou a necessidade de ampliar-se a noção de ética agregando vozes subalternizadas historicamente.

Neste sentido o conceito de ética do cuidado insere uma nova perspectiva da construção das éticas tradicionais fundadas em conceitos morais que excluem e oprimem as vozes desiguais desconsiderando sua classe, etnia, gênero e lugar, o que submete a todos a um consistente preconceito observacional e valorativo, que tem como consequências desse trato abstrato e genérico das desigualdades a formulação e análises que limitam a concepção da condição humana.

De modo que, o objetivo deste artigo é refletir sobre as contribuições da ética do cuidado na promoção da saúde mental dos jovens dentro da escola. Para tanto, foram apresentados conceitos fundamentais sobre a ética do cuidado, promoção da saúde e saúde mental na escola compreendendo que ao se parte de uma ética que reconhece as diferentes vozes que existem é possível construir-se espaços de respeito, tolerância e empatia para acolher todos os escolares diminuindo assim o sofrimento psíquico dos mesmos.

2 Metodologia

Trata-se de um estudo teórico-reflexivo, desenvolvido a partir da literatura científica relevante e pertinentes a problemática do estudo. Para embasar a discussão utilizou-se os escritos de Gilligan (1982) em sua obra “Uma voz diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta”, de Carol Gilligan, 1982, que ao apresentar a perspectiva do cuidado no desenvolvimento moral das mulheres, faz emergir uma ética do cuidado que questiona as concepções vigentes, que não se limita aos atos, motivações ou caráter dos envolvidos, mas questiona se as relações positivas são ou não favorecidas (ZOBOLI, 2004).

Já sobre saúde mental na escola elegeu-se Estanislau e Bressan (2014), que se propõe a sensibilizar os profissionais da educação em temáticas como a saúde mental, desenvolvimento escolar e transtornos na população infante juvenil. A obra reforça um papel da escola enquanto espaço de cuidado e acolhimento. Por fim, com Noddings

(2003), buscou-se apresentar argumentos que defendem que os seres humanos desejam cuidar e ser cuidados, e que, portanto, o cuidado é natural (NODDINGS, 2003).

3 Resultados e Discussão

É comum associar-se cuidado a uma atividade humana que exige atenção, solicitude, preocupação com o outro. Contudo, sua definição é bem mais ampla e variada dependendo do tempo e espaço utilizados. E nesse sentido, apesar da polissemia da palavra, é possível definir o cuidado como uma atividade que envolve carinho e dedicação para manter-se e reparar-se o mundo de maneira que se possa viver tão bem quanto possível. Esse mundo em questão pode ser o corpo, as pessoas e o meio ambiente.

Segundo, Heidegger (2012), o cuidado enquanto categoria ontológica existencial, é como uma estrutura básica da experiência humana que molda, a partir do mundo e contra a dissolução nesse mundo, a existência. É importante ressaltar que seja o cuidado entendido a partir de um uso mais coloquial ou de uma construção filosófica, como a do autor, a atividade de cuidar de outra pessoa parece muito longe do que se considera habitualmente como questão moral. Ela parece estar mais vinculada à esfera da necessidade do que à da liberdade, na qual os julgamentos morais têm valor. Além do que, nada impede que o cuidado seja, simultaneamente, considerado como prática e atitude.

Para Furrow (2007), esses significados estão conectados, basta pensar que, em sua acepção mais corriqueira, cuidado indica uma disposição para nutrir e preservar aquilo que tem valor, o que implica um devotamento ao objeto do cuidado. Em se tratando de pessoas, em particular, o cuidado exige que se considere os modos de vida, necessidades e desejos das pessoas (FURROW, 2007).

De acordo com Noddings (2003):

Quando examino e penso sobre como sou quando cuido, percebo que há invariavelmente deslocamento de interesse da minha própria realidade para a realidade do outro. [...]. Kierkegaard disse que apreendemos a realidade do outro como possibilidade. Para que eu me emocione, para que desperte em mim algo que perturbe a minha própria realidade ética, devo encarar a realidade do outro como uma possibilidade para a minha própria realidade (NODDINGS, 2003, p. 27-28).

Segundo a autora falar sobre enxergar a realidade do outro como uma possibilidade, não nega que seja factível se examinar a realidade do outro de outra maneira. Contudo, apenas esta ação é insuficiente para tornar alguém melhor do que o que é. A filósofa ainda reforça sua afirmação quando diz que considerar a realidade do outro é apenas um primeiro passo para sermos melhores. E alerta quanto à

preocupação de deslocamento de motivos. Afinal, quando se enxerga a realidade do outro como uma possibilidade para nós, devem-se agir para eliminar o intolerável, para reduzir o sofrimento, para suprir a necessidade para realizar o sonho. Quando se está nesse tipo de relacionamento com outra pessoa, quando a realidade do outro se torna uma possibilidade real para mim, eu me importo com ela (NODDINGS, 2003).

Neste sentido, a ética do cuidado estabelecida pela psicóloga Carol Gilligan em seu livro “Uma voz diferente” (1982), defende que o cuidado é a essência do ser humano, ou seja, o ser humano existe no mundo através do cuidado. Para a autora o cuidado autêntico não usa do poder para manter o outro sob dependência, ao contrário, auxilia o outro a cuidar do seu próprio ser (GILLIGAN, 1982).

A ética do cuidado surgiu a partir das obras da psicóloga Carol Gilligan e da filósofa Nel Noddings nos meados da década de 1980. Antes disso ela era totalmente desconhecida. Pois o cuidado não era tido como um conceito importante na história do pensamento ético ocidental. Os estudos de Gilligan e Nel Noddings convergem para uma crítica da parcialidade das tradições éticas tradicionais que se fundam na experiência masculina e excluem as experiências das mulheres, das quais brotam seu ponto de vista ético.

De acordo com Gilligan (1982), homens e mulheres pensam de forma bastante diferente quando se trata de tomada de decisão ética. Para a autora a compreensão do desenvolvimento humano está limitada, pois desconsidera a contribuição das mulheres. Na intenção de chamar a atenção para esta ausência a mesma reforça seu entendimento de uma moralidade incompleta. Em suas reflexões, Gilligan (1982) argumenta que a literatura psicológica, em geral, apresenta a moralidade como um desenvolvimento progressivo, relacionando a visão do eu e do pensamento sobre a moralidade com a experiência de conflitos e decisão na vida, em que os conceitos de contrato social e justiça, bem como os aspectos cognitivos no julgamento moral são valorizados (GILLIGAN, 1982).

Nessa perspectiva, as avaliações morais de pessoas maduras, são vistas como uma “espécie de solução que evoca uma lógica matemática com humanos, e todas as soluções que fogem a essa regra são vistas como gradações mais baixas de desenvolvimento moral que denotam a insuficiente capacidade de pensar por si.” (GILLIGAN, 1982, p. 37), ignorando as emoções e relações.

Para Gilligan (1982) o mais importante era ampliar a compreensão do desenvolvimento humano e ao evidenciar a disparidade entre as experiências de homens e mulheres ela acabou por demonstrar que a ética constituída apenas por uma visão unilateral da formação humana acabava por comprometer todo o julgamento.

Partir daí, percebeu-se que não se tratava de uma ética das mulheres, mas que a ética vigente não considerava as vozes subalternizadas de grupos historicamente excluídos. Ao transpor-se essa compreensão para os temas da saúde percebeu-se que o

cuidado deve ser a raiz da ética, visto que a boa vida vem do que tem importância, do que merece cuidado. A ética tem sua base psicológica na capacidade do ser humano transcender a situação concreta do desejo orientado a si próprio para viver e tomar decisões voltadas ao bem-estar das pessoas e dos grupos, dos quais a sua própria satisfação depende intimamente (ZOBOLI, 2004, p. 24).

Portanto, para se pensar ações em saúde, é necessário considerar a visão ampliada da saúde, relacionada ao conjunto de diversos fatores como os sociais, econômicos, ambientais e políticos que determinam as condições de saúde e de qualidade de vida em diferentes contextos e de grupos distintos. Os fatores condicionantes e determinantes são diversos, como a alimentação, moradia, saneamento básico, meio ambiente, trabalho, posição social, renda, educação, transporte, lazer e acesso aos bens e serviços essenciais. Ou seja, deve existir uma responsabilização múltipla para a identificação dos problemas, além da atuação conjunta de vários setores na construção de políticas públicas mais favoráveis à saúde, que promovam mudança de comportamento. Deve se incluir políticas que estabeleçam redes de apoio, fortalecendo a organização e a participação das pessoas e da comunidade. O trabalho intersetorial demanda integração de estruturas, recursos e processos organizacionais com responsabilização múltipla dos setores (BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2007).

A educação é um dos fatores determinantes das condições de saúde e de qualidade de vida da população. Inclusive, nos documentos oficiais a saúde consta como tema transversal. Isto é, tema que permeiam os conteúdos das diversas áreas no decorrer de toda a escolaridade obrigatória, onde o educador deve organizar os conteúdos cumprindo sua função social com o apoio dos serviços de saúde (BRASIL, 2013).

Deste modo, as juventudes devem ser prioridades nas medidas de promoção e prevenção em saúde, a fim de conter agravos e promover ações que possibilitem escuta qualificada e apoio terapêutico sempre que necessários. Logo, a grande oportunidade chega através das escolas, que se bem utilizadas, podem mapear os fatores de riscos, promover os fatores de proteção e ampliar o acesso à informação qualificada para a tomada de decisão e o autocuidado dos coletivos humanos.

Deste modo, fica evidente o reconhecimento da escola como espaço de promoção de saúde e bem-estar de estudantes, familiares e de sua comunidade

ampliada. Uma escola promotora de saúde é uma escola que fortalece constantemente sua capacidade como um ambiente seguro e saudável para viver, aprender e trabalhar.

4 Considerações finais

A adolescência é uma fase de muitas descobertas sobre si, e estas podem se tornar um completo estresse. Os jovens passam por diversas experiências e novas descobertas, como o primeiro emprego, a descoberta de sua sexualidade e novas amizades, e até mesmo o início de relacionamentos. Neles há o empenho de evidenciar suas qualidades e atributos, e podem encontrar vulnerabilidades, tanto de natureza positiva ou negativa, passando a lidar com situações conflituosas, mudanças e aflições diariamente.

Na transição da adolescência para a vida adulta, acontecem mudanças hormonais, físicas e psicológicas, e é exatamente durante essa transição que se tornam perceptíveis as mudanças de humor, comportamento e principalmente a construção de opiniões. Observa-se a concretização de sua personalidade, e conseqüentemente é também nessa fase que alguns conflitos internos ganham força.

Muitas vezes se tornam grandes e com cargas maiores que esses jovens conseguem suportar, devido à imaturidade e falta de vivência. Outras mudanças como exigência de responsabilidade, muitas vezes vem acompanhadas de angústias, conflitos internos e indecisões. Para esse grupo, os conflitos podem representar uma sobrecarga de emoções, alternando assim seus sentimentos e levando-o ao sofrimento psíquico.

Por esta razão, é inegável o relevante papel da promoção da saúde mental para os escolares. A ressignificação posturas e decisões, que anteriormente partiam apenas de uma ética estreita e lógica, agora podem se ampliar para além de seu cotidiano. A ética do cuidado no ambiente escolar pauta-se pelo cuidado com o outro, ajudando-o a crescer numa relação mútua, não importando o sexo, a etnia, a classe social etc. Seu propósito é repudiar, e por fim, à opressão sobre os grupos historicamente oprimidos e negligenciados comprometida em provocar mudanças político-sociais.

Referências

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562p. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 23 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc> Acesso em: 13 jul.2024.

BUSS, Paulo Marchiori; PELLEGRINI FILHO, Alberto. A saúde e seus determinantes sociais. **Revista Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, 2007. p.77-93. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/msNmfGf74RqZsbpKYXxNKhm/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 14 jul. 2024.

ESTANISLAU, Gustavo M.; BRESSAN, Rodrigo Affonseca. (org.) **Saúde Mental na Escola: o que os educadores precisam saber**. Porto Alegre: Artmed, 2014. 277p.

FURROW, D. **Ética: conceitos-chave em filosofia**. Porto Alegre: Artmed, 2007. 184p.

GILLIGAN, C. **Em uma voz diferente**. Harvard University Press, Cambridge, MA. 1982. 190p.

GOMES, J. P. As escolas promotoras de saúde: uma via para promover a saúde e a educação para a saúde da comunidade escolar. **Rev. Educação**, Porto Alegre, v. 32, n.1, p. 84 – 91, jan./abri. 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/5229> Acesso em: 07 jan. 2024

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Fausto Castilho. Edição bilíngue. Petrópolis: Editora Vozes; Campinas: Editora Unicamp, 2012. 1200p.

NODDINGS, Nel. **O cuidado: uma abordagem feminina à ética e à educação moral**. São Leopoldo: Unisinos, 2003. 256p.

SANMARTÍ, L. **Educación sanitaria: principios, métodos e aplicaciones**. Madrid: Diaz de Santos, 1988. 268p.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Coronavirus disease 2019 (COVID-19): situation report 78**. Geneva: WHO [Internet], 2020 [cited 20 Jun 2022]; 12. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/331719>. Acesso em: 02. Set. 2023.

ZOBOLI, E. L. C. P. A redescoberta da ética do cuidado: o foco e a ênfase nas relações. **Rev. Esc. Enferm USP**, v. 38, n. 1, p. 21-7, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/QxhC6TD3pJf8mSfdSmJwLBK/> Acesso em: 23 set. 2023.

¹**Elizabeth Chagas Gomes**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2879-7536>

Doutoranda do PPCCLIS (UECE), Mestre em Planejamento e Políticas Públicas pela UECE (2019), Especialista em Gestão e Avaliação Pública pela UFJF (2013), Graduada em Lic. em Química – UFC (2009) e Pedagogia - UVA (2003).

Contribuição de autoria: Conceitualização, análise formal, investigação e escrita -rascunho original

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2667908252375637>

E-mail: elizabethcgomes@hotmail.com

²**Raimundo Augusto Martins Torres**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8114-4190>

Professor da Universidade Estadual do Ceará - UECE (2005-2024), Professor-Pesquisador no Programa Acadêmico de Pós-Graduação Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde – PPCCLIS.

Contribuição de autoria: supervisão e validação.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9343125201221506>

E-mail: augusto.torres@uece.br

³**Leonardo Saboia Paz**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1895-6663>

Graduado em enfermagem (2010). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde - PPCCLIS da Universidade Estadual do Ceará (UECE - 2020). Mestre em Ensino na Saúde pela Universidade Estadual do Ceará (UECE - 2016 - 2018). Especialista em Mediação de Processos Educacionais na Modalidade Digital (FSLM - 2021 - 2022).

Contribuição de autoria: Escrita – revisão e edição.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0204241433533268>

E-mail: leonardosabia.paz@aluno.uece.br

Como citar este artigo (ABNT):

GOMES, Elizabeth Chagas; TORRES, Raimundo Augusto Martins; PAZ, Leonardo Saboia. A ética do cuidado na promoção da saúde mental dos escolares. **Revista de Instrumentos, Modelos e Políticas em Avaliação Educacional**, v. 5, p. e024019, 2024. DOI: <https://doi.org/10.51281/impa.e024019>

*Recebido em 24 de julho de 2024
Aprovado em 12 de outubro de 2024
Publicado em 24 de outubro de 2024*